



A QUESTÃO SOBRE DEUS NA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES: A TEORIA DO PRIMEIRO MOTOR IMÓVEL

*The Question of God in Aristotle's Metaphysics:
The Theory of the First Unmoved Mover*

Sergio Ricardo Strefling¹

RESUMO: A questão sobre Deus em Aristóteles aparece na teoria sobre o primeiro motor imóvel, demonstrada no livro XII da *Metafísica*. Tudo o que se move é movido por outro. Entende Aristóteles que no universo há uma série indeterminada de motores e movidos. Todos os movimentos têm uma causa anterior. Mas, não é possível regredir ao infinito, pois todos e cada um sempre dependeriam de outro. Por esta razão, conclui o Estagirita que é necessário que exista um primeiro motor imóvel que não seja movido por nenhum outro. Ora, se não existisse um primeiro motor absoluto, seria impossível o movimento gerado nos outros motores que compõem o universo. Neste estudo sobre a teoria aristotélica, que se tornou tradicional na teodiceia, apresentamos determinados passos da *Metafísica* com o auxílio de alguns comentadores sem, contudo, entrar em aporias importantes que o texto aristotélico vem suscitando entre os pesquisadores.

PALAVRAS-CHAVE: Metafísica; Aristóteles; Movimento; Motor imóvel; Deus.

ABSTRACT: The question about God in Aristotle appears in the theory about the first unmoved mover, demonstrated in book XII of *Metaphysics*. Everything that moves is moved by something. Aristotle understands that in the universe there is an indeterminate series of moved and movers. Every movement has a prior cause. But it is not possible the infinity regress, because each and every one would always depend on another. For this reason, the Stagirite concludes that there must be an immobile first mover that is not moved by any other. Now, if there were no absolute first mover, the movement generated in the other movers in the universe would be impossible. In this study on the Aristotelian theory, we present certain steps of *Metaphysics* with the help of some commentators, without going into important aporias, which the Aristotelian text has been raising among researchers.

KEYWORDS: Metaphysics; Aristotle; Movement; Unmoved mover; God.

¹ Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professor no programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: srstrefling@gmail.com

1. Apresentação da teoria do primeiro motor imóvel

A questão sobre Deus em Aristóteles aparece na teoria sobre o primeiro motor imóvel, demonstrada no livro XII da *Metafísica*², embora seja este o texto mais significativo, todavia, também tal teoria é abordada na *Física* e citada, brevemente, em outros escritos do Filósofo Estagirita. Trata-se do ser divino entendido apenas pela razão, claro está, que não há qualquer relação com a mitologia grega ou com a revelação judaica e a revelação cristã. Evidentemente, que as tradições religiosas (hebraica, cristã e muçulmana), sobretudo no período da escolástica, retomarão esta teoria do primeiro motor imóvel nas hermenêuticas sobre a natureza de Deus e sua relação com o mundo. Neste estudo sobre a teoria aristotélica que se tornou tradicional na teodiceia, apresentamos determinados passos da *Metafísica* com o auxílio de alguns comentadores, sem, contudo, entrar em aporias importantes, que o texto aristotélico vem suscitando entre os pesquisadores.

O primeiro motor imóvel, segundo Aristóteles, é o ser absolutamente perfeito, ato puro, imutável e causa primeira de todo o movimento. O motor é imóvel não porque é incapaz, mas porque seu ser é inalterado. Nesta teoria encontram-se conceitos como: movimento, motor (ou movente), móvel (ou movido), ato e potência. O movimento é a passagem da potência ao ato, e toda a mudança e alteração é movimento. O motor é o agente responsável pela mudança, por exemplo, um escultor é o motor responsável para que uma pedra se torne uma estátua. O móvel é o agente que recebe a mudança como movido pelo motor, no caso, a pedra que o motor movimentou para tornar-se uma estátua.

Tudo o que se move é movido por outro. Todos os seres, sejam plantas, animais, ou astros, são seres móveis. Cada ser, por si mesmo estando em potência, não poderia passar da potência ao ato, pois potência pressupõe uma falta, uma carência, um não ser-relativo. Para um ser passar da potência ao ato por si, teria que ser potência e ato ao mesmo tempo, e sob o mesmo aspecto, o que é ontologicamente impossível. Portanto, tudo o que se move é movido por outro. Entende Aristóteles que no universo há uma série indeterminada de motores e movidos. Todos os movimentos têm uma causa anterior. Mas, não é possível regredir ao infinito, pois todos e cada um sempre dependeriam de outro. Por esta razão, conclui o Estagirita que, é necessário que exista um primeiro motor imóvel que não seja

² O título *Metafísica* não foi dado por Aristóteles, mas provavelmente por Andrônico de Rodes (século I d.C.), editor de suas obras, que assim separou os livros depois da física (*tá metá tà phisiká*).

movido por nenhum outro. Ora, se não existisse um primeiro motor absoluto, seria impossível o movimento gerado nos outros motores que compõe o universo.³

O primeiro motor é imutável e por isso deve ser ato puro, isto é, sem qualquer tipo de potência em seu ser. Se ele tivesse potência, não poderia ser fonte absoluta do movimento, pois ele mesmo seria um móvel dependente de outro motor. O motor imóvel não tem matéria, pois esta é potencialidade, ele é uma substância suprassensível. Como o movimento é eterno, torna-se necessário que também um motor seja eterno.⁴

Aristóteles parece indicar que o primeiro motor imóvel move o mundo como causa final⁵, isto é, por atração. E através de uma analogia explica que o belo e o bom atraem o ser humano que os deseja. O belo e o bom movem o desejo de um homem, sem, todavia, se moverem. Portanto, da mesma forma acontece com o primeiro motor que move sem ser movido. O primeiro motor sem se mover, move por atração todas as esferas e os objetos, move como o amado move o amante.⁶ “Portanto, o primeiro movente move como o que é amado, enquanto todas as outras coisas movem sendo movidas”.⁷

2. Da Física para a Metafísica

Convém lembrar que Aristóteles menciona o primeiro motor imóvel na sua obra denominada *Física* ao final de um processo demonstrativo, que se desenvolve ao longo do livro VIII. A conclusão da *Física* é que existe um primeiro motor imóvel, ativo, inteligente, alma do primeiro céu, que circunda todo o universo e que é a primeira causa mecânica de todo o movimento. Mas é preciso reconhecer que Aristóteles na *Física* não dá a esse primeiro motor o qualificativo de Deus. Se o fosse, teríamos somente um Deus imanente ao universo, que informava ao primeiro céu a modo de uma alma, isto é, um Deus no sentido platônico e muito relativo, mas não um Deus transcendente.⁸

Na *Metafísica* segue Aristóteles um processo semelhante. Partindo da realidade do movimento eterno se propõe a demonstrar que existe uma substância separada, imóvel, eterna e incorruptível. Distingue três classes de substâncias, duas de ordem física, das quais as primeiras são terrestres, móveis e corruptíveis, e as segundas celestes, móveis,

³ *Metafísica* XII, 8 1074 a 10-29; *Física* VII, 1 241b-242a.

⁴ *Metafísica* XII 8, 1074 a 35-40.

⁵ Aqui temos uma aporia, pois alguns intérpretes entendem que o primeiro motor como causa eficiente. Todavia, essa discussão importante não é objeto deste estudo.

⁶ *Metafísica* XII 7, 1072 a 25-35; 1072 b 1-7.

⁷ *Metafísica* XII 7, 1072 b 3-4.

⁸ FRAILE, G. *Historia de la Filosofia I. Grecia y Roma*. Madrid: La Editorial Catolica, 1956, p. 487.

porém não corruptíveis. Acima destas, superior a todas e fora delas ou sobre elas, existe outra substância eterna, imóvel e incorruptível.⁹

As diferenças entre o primeiro motor imóvel da *Física* e o ato puro da *Metafísica* são as seguintes:¹⁰

O primeiro motor da *Física*: 1) É imanente ao universo, se encontra na periferia, unido como forma ao primeiro móvel, que é o primeiro céu. 2) Move diretamente, de uma maneira mecânica, por contato físico e impulso imediato, por presença efetiva como a alma move o corpo. 3) O movimento do universo parte do primeiro motor, o qual comunica o primeiro móvel. 4) O primeiro motor conhece ao primeiro móvel e ao mundo.

O ato puro da *Metafísica*: 1) É transcendente ao universo. Está mais além do primeiro céu, fora do tempo, do lugar e do vazio. 2) Move como causa final, como amado, por atração e amor, diretamente ao primeiro motor, e mediante este aos demais moventes. 3) O movimento surge do universo mesmo, em virtude da atração que exerce o ato puro sobre o primeiro motor. 4) O ato puro não conhece nem ao primeiro motor, nem ao mundo. Sua vida é seu pensamento.

Estas diferenças, não constituem dificuldades, se as considerarmos como duas etapas de um mesmo processo demonstrativo. Em ambos os casos se trata de buscar a causa do movimento. Porém na *Física*, se detém Aristóteles ao chegar a uma causa mecânica, imediata ao universo, que é o primeiro motor imóvel. Enquanto, abordando depois na *Metafísica* a questão, em seu aspecto teológico, prolonga a demonstração até chegar a uma substância transcendente, que é a causa universal de todo o movimento. Portanto, entre ambos os procedimentos não havia oposição, mas continuação e complemento.¹¹

No livro VI da *Metafísica* o divino, objeto da teologia, é caracterizado como substância imóvel, separada da matéria e eterna.¹² No livro XI o divino é considerado princípio e soberano.¹³

A *Metafísica* afirma o caráter autossuficiente de Deus e se mostra contrária a admitir sentimentos inferiores atribuídos a divindade. Deve-se destacar que no primeiro livro da obra se estabelece uma íntima relação entre Deus e a ciência investigada ou ontologia. Aristóteles chama divina esta ciência por dois motivos: primeiro, porque Deus é um

⁹ *Metafísica* XII I, 1069 a 30-32.

¹⁰ FRAILE, G. *Historia de la Filosofía I. Grecia y Roma*. Madrid: La Editorial Católica, 1956, p. 491.

¹¹ FRAILE, G. *Historia de la Filosofía I. Grecia y Roma*. Madrid: La Editorial Católica, 1956, p. 491.

¹² *Metafísica* VII I, 1026 a 15-32.

¹³ *Metafísica* XI 7, 1064 a 36-b 14.

princípio ou causa e por isso entra na consideração desta ciência suposta; segundo, porque Deus a possui, ele sozinho, que é o bem de modo eminente.¹⁴

Poderia aqui se estabelecer um problema considerando que Deus deveria ter conhecimento não somente de si mesmo, como causa final, mas também de todas as demais causas ou princípios que pertencem a esta ciência, a saber, a causa formal, a causa material e a causa eficiente. Pareceria então que o conhecimento de Deus tem que ser incompleto para preservar sua perfeição. Mas, pelo contrário, no contexto do pensamento aristotélico não cabe supor uma limitação real ou virtual de Deus em sua capacidade cognoscitiva. Em sua absoluta simplicidade Deus seria capaz de penetrar todo ente inteligível.

A razão pelo qual Deus somente pensa a si mesmo consiste não em uma limitação, mas em sua própria perfeição intrínseca. Aristóteles entende que se Deus pensasse em outros objetos não seria o melhor.¹⁵

3. A primeira parte do livro XII da *Metafísica*

Ao apresentar a teoria do motor imóvel no livro XII da *Metafísica*, deve-se lembrar, antes de tudo, que a estrutura geral do pensamento aristotélico sobre a teologia não é proposta como uma ciência que tenha por objeto o conhecimento de Deus em si mesmo senão, somente, como uma indagação que considera a divindade suprema como causa primeira do movimento do cosmos, em uma perspectiva que parte do mundo sensível para determinar a necessidade da existência de Deus. A natureza de Deus irá se revelando conforme as necessidades da proposta da demonstração sobre o tema.

O Filósofo Estagirita no capítulo IV da *Metafísica* faz a pergunta pelos princípios e conclui afirmando que não existem princípios comuns para todas as categorias, pois não há nada comum e distinto separado da substância e das demais categorias, de modo que a unidade dos princípios deve ser entendida em sentido analógico.¹⁶ Forma, matéria e privação são os mesmos somente por analogia. De modo diferente, a primeira substância será um princípio comum a todas as coisas, mas somente enquanto causa última do movimento e fica descartado que possa ser considerada princípio comum no sentido de elemento cuja natureza seja participada nas demais substâncias ou nas outras categorias.

¹⁴ *Metafísica* 2, 982 b 29-983 a 10.

¹⁵ *Metafísica* 1114, 1000 b 3-9.

¹⁶ *Metafísica* XII 4, 1071 a 24-29.

O capítulo V introduz a causalidade dos astros divinos.¹⁷ A geração e corrupção estão garantidas em sua eternidade e necessidade pelo movimento circular dos astros. De um modo gradual os primeiros capítulos nos aproximam do conteúdo da segunda parte do livro XII, onde o tema de Deus é desenvolvido. Assim como os astros são causa motriz das substâncias corruptíveis, os motores imóveis são causa do movimento dos astros e é possível confirmar-se um elo de dependência no sentido do movimento entre os três tipos de substâncias.¹⁸

Aristóteles no capítulo VI do livro XII da *Metafísica* introduz a demonstração da existência do primeiro motor quando retoma a classificação das substâncias e anuncia que é necessário que exista uma substância eterna e imóvel. A primeira fase da demonstração parte da primazia da substância: se existe movimento eterno este supõe a existência de uma substância eterna. Portanto, a eternidade do movimento é demonstrada pela via do absurdo, ou seja, é impossível que o movimento seja gerado ou se corrompa porque sempre é.¹⁹

Os astros disfrutam de um movimento eterno e regular, porém, exigem a existência de um princípio tal que sua substância seja ato. Tal substância não pode mover-se, é necessariamente imóvel, porque o movimento consiste precisamente na atualização de uma potencialidade.²⁰

Embora o termo “Deus” não seja mencionado no desenvolvimento deste argumento do capítulo VI e a substância atual e imóvel resulta necessária e exclusivamente por razões cinéticas, nos capítulos seguintes aparece a descrição de seu tipo de vida recebendo uma série de transferências por analogia que provém de outros campos de investigação, como da ética e da psicologia. Convém lembrar que Aristóteles também foi condicionado pela crença mítica da eternidade dos céus, já que em rigor a eternidade dos movimentos dos astros não pode ser observada nem provada por meio de argumentações logicamente fundadas. Se trata de confirmar pela via filosófica o conteúdo de uma esperança: a esperança de que a renovação da vida continuará sempre. O único movimento que é seguro é aquele que continuamente gera as condições de sua própria continuação.²¹

Aristóteles explica como o céu das estrelas fixas assegura sua própria continuidade:

¹⁷ *Metafísica* XII 5, 1071 a 11-17.

¹⁸ *Metafísica* XII 5, 1071 a 36.

¹⁹ *Metafísica* XII 6, 1071 b 6-11.

²⁰ *Metafísica* XII 6, 1071 b 17-20.

²¹ KIRCHNER, B. Contemplacion y Dios en Aristoteles. *Sapientia*, n. 177, Buenos Aires, 1990, p. 195.

Existe algo que sempre se move continuamente, e é o movimento circular (e isso é evidente não só para o raciocínio, mas também como um fato); de modo que o primeiro céu deve ser eterno. Portanto, há também algo que move. E dado que o que é movimento e move é um termo intermediário, deve haver, conseqüentemente, algo que mova sem ser movido e que seja substância eterna e ato. E desse modo movem o objeto do desejo e o da inteligência: movem sem ser movidos. Ora, o objeto primeiro do desejo e o objeto primeiro da inteligência coincidem: de fato, o objeto do desejo é o que se nos mostra como belo e o objeto primeiro da vontade racional é o que é objetivamente belo: e nós desejamos algo porque acreditamos ser belo e não, ao contrário, acreditamos ser belo porque o desejamos; de fato, o pensamento é o princípio da vontade racional. E o intelecto é movido pelo inteligível, e a série positiva dos opostos é por si mesma inteligível; e nessa série a substância tem o primeiro lugar, e, ulteriormente, no âmbito da substância, o primeiro lugar cabe à que é simples e em ato (o um e o simples não são a mesma coisa: a unidade significa uma medida, enquanto a simplicidade significa o modo de ser da coisa); ora também o belo e o que é por si desejável estão na mesma série, e o que é primeiro na série é sempre ótimo ou equivalente ao ótimo.²²

Quanto à estrutura do argumento há se reconhecer que Aristóteles conserva um esquema tipicamente acadêmico onde se encontram as listas de contrários. Uma delas contém o positivo, como o ser, a unidade, a substância; e a outra inclui o negativo, como o não ser, a pluralidade e a não substancialidade. Em cada caso, o negativo não é em si conhecido a não ser como a negação do termo positivo.²³

Este objeto de amor é causa final do movimento do primeiro céu e por isso é bom enquanto é necessário, pois seu ser sempre idêntico é bom porque garante a sua simplicidade. Este princípio do qual dependem o céu e a natureza não pode alterar-se nem deixar de ser objeto de amor do primeiro céu, o qual segue seu curso regularmente.²⁴

Portanto, o primeiro movente move como o que é amado, enquanto todas as outras coisas movem sendo movidas (...). Portanto, ele é um ser que existe necessariamente, existe como Bem, e desse modo é Princípio. (De fato, o necessário tem os seguintes significados: (a) o que se faz sob constrição contra a inclinação, (b) aquilo sem o quê não existe o bem, e, enfim, (c) o que não pode absolutamente ser diferente do que é). Desse Princípio, portanto, dependem o céu e a natureza.²⁵

4. A segunda parte do livro XII da *Metafísica*

O último problema que Aristóteles trata no capítulo sétimo do livro XII se refere ao tipo de atividade que realiza o primeiro motor. Pretende aqui, não explicar mecanicamente o movimento do universo, mas quer dar a razão pela qual a vida do primeiro motor é a mais desejável e a melhor. Além do que, esta explicação contribui para fundamentar o fato de ser amado pelo primeiro céu, encontramos aqui uma série de

²² *Metafísica* XII 7, 1072 a 23-b 1.

²³ *Metafísica* I 986 a 23; *Física* 201 b 25.

²⁴ *Metafísica* 7, 1072 b 13-14.

²⁵ *Metafísica* 7, 1072 b 5-10

afirmações que superam a estrutura do discurso pelo tom lírico e porque pela primeira vez o primeiro motor é chamado de Deus.²⁶

Vejamos a parte do texto em que Aristóteles de maneira rara e maravilhosa usa de uma linguagem poética e comovente ao falar de Deus:

E seu modo de viver é o mais excelente: é o modo de viver que só nos é concedido por breve tempo. E naquele estado Ele está sempre. Isso é impossível para nós, mas para Ele não é impossível, pois o ato de seu viver é prazer. E também para nós a vigília, a sensação e o conhecimento são sumamente agradáveis, justamente porque são ato, e, em virtude deles, também esperanças e recordações. Se, portanto, nessa feliz condição em que às vezes nos encontramos, Deus se encontra perenemente, isso nos enche de maravilha; e se Ele se encontra numa condição superior, é ainda mais maravilhoso. E Ele se encontra efetivamente nessa condição. E Ele também é vida, porque a atividade da inteligência é vida, e Ele é, justamente, essa atividade. E sua atividade, subsistente por si, é vida ótima e eterna. Dizemos, com efeito, que Deus é vivente, eterno e ótimo; de modo que a Deus pertence uma vida perenemente contínua e eterna: isto, portanto, é Deus.²⁷

A operação própria de Deus é o pensamento, um pensamento sempre em ato, pois de outro modo Deus seria como alguém que estivesse dormindo. Ora, Deus tem por objeto a si mesmo, pois do contrário dependeria do objeto externo e assim seria inferior a ele. Deus pensa o que há de mais excelente, pensa a si mesmo, é a atividade contemplativa de si mesmo.

Ora, o pensamento que é pensamento por si, tem como objeto o que por si é mais excelente, e o pensamento que é assim maximamente tem como objeto o que é excelente em máximo grau. A inteligência pensa a si mesma, captando-se como inteligível: de fato, ela é inteligível ao intuir e ao pensar a si mesma, de modo a coincidirem inteligência e inteligível. A inteligência é, com efeito, o que é capaz de captar o inteligível e a substância, e é em ato quando os possui. Portanto, muito mais do que aquela capacidade, o que de divino há na inteligência é essa posse; e a atividade contemplativa é o que há de mais prazeroso e mais excelente.²⁸

O objeto do desejo, ou seja, o bem, e o objeto do pensamento, ou seja, o inteligível, são precisamente, exemplos de moventes não movidos. O bem não sofre repercussão alguma pelo fato de ser desejável e desejado, e igualmente o inteligível, pelo fato de ser objeto possível de pensamento e pensado. O que é supremamente desejável coincide com o que é sumamente inteligível. Aristóteles demonstra essa afirmação do seguinte modo. Em primeiro lugar ele distingue o objeto do desejo ou do apetite sensível do objeto do desejo racional ou da vontade racional: o primeiro é constituído do que parece belo aos sentidos, o segundo, ao contrário, do que é objetivamente belo, e esse só é reconhecido como tal pela razão. O objeto supremo da vontade racional, ou seja, o belo e o bom objetivo é, portanto, também objeto de razão e de inteligência.²⁹

²⁶ KIRCHNER, B. *Contemplacion y Dios en Aristoteles*. *Sapientia*, n.177, Buenos Aires, 1990, p. 197.

²⁷ *Metafísica* 1072 b 15-18 e 24-30.

²⁸ *Metafísica* 1072 b 18-24.

²⁹ REALE, G. *História da Filosofia Antiga II. Platão e Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 366-367.

O que pensa Deus? Pensa a mais divina das coisas e não se movimenta com o seu pensamento, porém não é mera potência de pensar. Seu pensamento recai sobre si mesmo, a mais excelente das naturezas, e é pensamento de pensamento.³⁰ O famoso capítulo XI do livro XII da *Metafísica* aborda o tópico sobre o que Deus pensa. Com certeza ele deve pensar em algo, sob pena de não ser melhor que um homem adormecido. E no quer que ele pense, deve pensá-lo completamente, pois senão ele sofreria mudança e conteria potencialidade, quando sabemos que ele é pura atividade. Ou ele pensa sobre si, ou ele pensa sobre outra coisa. Mas o valor de um pensamento é ditado pelo valor do que é pensado, do que segue que se Deus pensa sobre algo além de si ele desagrada ao nível daquilo em que está pensando. Logo, ele deve pensar sobre si, o ser supremo, e o seu pensamento é um pensamento de pensamento.³¹ “Se, portanto, a Inteligência divina é o que há de mais excelente, ela pensa a si mesma e seu pensamento é pensamento de pensamento”.³²

A diferença entre o pensamento humano e o pensamento divino não é somente de grau, como aparece em um primeiro momento, mas também é uma diferença no sentido qualitativo. Deus desenvolve sua atividade prazerosa mais perfeita num presente eterno, enquanto possuímos determinada atividade prazerosa por um breve tempo.³³

Aristóteles conclui o capítulo VII atribuindo a Deus as seguintes características: eternidade, imobilidade, separação das coisas sensíveis, indivisibilidade, impassibilidade e inalterabilidade. Encontramos aqui uma teologia negativa, pois os termos que qualificam a Deus são negações dos atributos da substância sensível.³⁴

Aristóteles reconhece, ao retomar a questão do intelecto, que esta implica numa série de aporias e dificuldades. O seu texto tem um caráter dialético. Em primeiro lugar, Aristóteles considera de que o intelecto divino não pensa nada. E sobre isso responde: em tal caso seria como um homem que dorme e não teria a dignidade de exercer a melhor atividade possível. Descartada esta primeira hipótese, rechaça uma segunda: se sua essência fosse somente a potência de pensar não seria a melhor substância. Dado que o intelecto divino é ato puro e a melhor substância, não pode pensar de modo humano, como tendo uma faculdade de pensar. Portanto, conclui que a intelecção é sua essência. Neste

³⁰ BITTAR, E. *Filosofia Aristotélica*. Barueri: Manole, 2003 p. 975.

³¹ KENNY, A. *A Brief History of Western Philosophy. Ancient Philosophy*. Oxford: University Press, 1994, p. 346.

³² *Metafísica* 1074 b 34-35.

³³ *Metafísica* 1072 b 14-15; 24-25 e 1072 b 25-26.

³⁴ *Metafísica* 1073 a 3-13.

sentido, considera duas possibilidades: ou bem o intelecto divino pensa a si mesmo; ou bem o intelecto divino pensa em outra coisa. Se pensa em outra coisa, cabem por sua vez duas possibilidades: que pense sempre o mesmo ou que pense coisas diferentes e que podem estar sujeitas ao azar. Aristóteles responde que seria absurdo supor que o intelecto divino pense em alguns objetos e afirma que é evidente que pensa o mais divino, o mais honrado e o que não muda.³⁵

Por fim, Aristóteles se pergunta se o pensado é composto. Se o fosse, implicaria para o intelecto uma troca ao passar de uma parte do todo para outra. Mas tudo o que não tem matéria é indivisível. Assim como o intelecto humano aprende em certo tempo limitado, o intelecto que pensa a si mesmo se tem por toda a eternidade.³⁶

Considerações finais

Aristóteles não coloca o problema de Deus do ponto de vista da existência do ser do mundo físico, mas a partir do movimento. Não teve a ideia de criação. Deus e o mundo coexistem, distintos e independentes, desde toda a eternidade. Portanto, não se preocupa em buscar o primeiro princípio do ser, que considera eterno, mas o princípio do movimento dos seres. Por isso as suas provas sobre a existência de Deus têm um caráter essencialmente mecânico, mas que se constituem como raízes de um sentido plenamente ontológico na interpretação posterior a Aristóteles, como se verá em Tomás de Aquino. As provas de Aristóteles procedem do movimento, buscando uma causa, que é Deus. Mas são provas válidas que conduzem a afirmação da existência de um ser supremo, transcendente, causa primeira e eterna de todo o movimento das substâncias celestes e terrestres.³⁷

Aristóteles tem uma concepção altíssima de Deus, mas julga necessário, para salvar a sua transcendência, privá-lo de três operações importantes: criação, providência e conhecimento do mundo. Considerando o pensamento de Aristóteles não segundo a revelação bíblica, mas segundo os critérios da história das religiões e da filosofia, podemos afirmar que a concepção aristotélica representa muito no pensamento religioso grego, pois supera a ideia de deuses como simples homens, liberta a questão de Deus entendida como mero antropomorfismo, ao mesmo tempo em que aponta para um

³⁵ KIRCHNER, B. *Contemplacion y Dios en Aristoteles*. Sapientia, n.177, Buenos Aires, 1990, p.201.

³⁶ *Metafísica* XII 9, 1075 a 6-11.

³⁷ FRAILE, G. *Historia de la Filosofia I. Grecia y Roma*. Madrid: La Editorial Catolica, 1956. p.492.

conceito único de Deus. O intelecto é a melhor parte do ser humano, é algo de divino. Todos os intelectos são divinos, mas o são porque participam de um único intelecto.

O Filósofo afirmou que o motor imóvel não ama, mas é amado, ou seja, é objeto de amor. É amado por quem? É amado pelo céu que é movido pelo motor imóvel. Aqui, toda a história do aristotelismo construiu teorias muito belas que culminam naquele maravilhoso verso de Dante na *Divina Comédia*, onde Deus é definido como “o Amor que move o Sol e as outras estrelas” (*Paraíso* xxxiii, 145).³⁸ Deve-se lembrar que os discursos que compõem a obra que foi intitulada de *Metafísica* permitem que os estudiosos digam muita coisa, uma vez que são incompletos e podem ser relacionados com outros escritos do Estagirita para uma melhor compreensão.

O motor imóvel é pessoa, pois entende e quer, entende a si mesmo e ama a si mesmo. Embora não se deva aqui entender que há uma hierarquia entre os deuses, contudo deve-se dizer que estamos tratando do motor que é o primeiro de todos os entes e aquele que tudo move. De certa forma, os textos nos permitem uma aproximação possível que nos pode levar ao conceito de Deus e à consideração de uma hierarquia onde há alguém que está no topo de tudo.³⁹

Os textos falam de cinquenta e cinco substâncias suprassensíveis, ou seja, inteligências divinas, contudo, não se pode negar a tentativa de unificação por parte de Aristóteles, pois ele chamou explicitamente com o termo Deus, em sentido pleno, só o primeiro motor, e isso no mesmo texto em que fala da pluralidade dos motores. Para concluir, lembramos que a *Metafísica* menciona que as coisas não querem ser malgovernadas por uma multiplicidade de princípios. Daí, a conveniência de lembrar o verso de Homero como encerramento do livro XII: “o governo de muitos não é bom, um só seja o governante”.⁴⁰

Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica*. V.I-II-III. Texto grego-português. Introdução e notas por Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Edición trilingüe por Valentín García Yebra. V. I-II, Madrid: Gredos, 1970.

³⁸ BERTI, E. *Struttura e significato della Metafisica di Aristoteli*. Roma: EDUC, 2012, p. 166.

³⁹ BERTI, E. *Struttura e significato della Metafisica di Aristoteli*. Roma: EDUC, 2012, p. 175.

⁴⁰ REALE, G. *História da Filosofia Antiga II. Platão e Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 371; *Metafísica* XII, 10, 1076 a 7-8.

ARISTÓTELES. *Obras (Física y Metafísica)* Tradução de Francisco Samaranch. Madrid: Aguilar, 1967.

BERTI, E. *Struttura e significato della Metafisica di Aristoteli*. Roma: EDUC, 2012.

BITTAR, E. *Filosofia Aristotélica*. Barueri: Manole, 2003.

FRAILE, G. *Historia de la Filosofia I. Grecia y Roma*. Madrid: La Editorial Católica, 1956.

KENNY, A. *A Brief History of Western Philosophy. Ancient Philosophy*. Oxford: University Press, 1994.

KIRCHNER, B. *Contemplacion y Dios en Aristoteles*. Sapientia, n.177, Buenos Aires, 1990.

REALE, G. *História da Filosofia Antiga II. Platão e Aristóteles*. São Paulo: Loyola, 1994.